



EDUCANDO PARA A RAZÃO CONSCIENTE DE SI MESMA E O ENSINO DE FILOSOFIA: UMA PERSPECTIVA HEGELIANA

EDUCATING FOR SELF-CONSCIOUS REASON AND THE TEACHING OF
PHILOSOPHY: A HEGELIAN PERSPECTIVE

Helder Francisco Bezerra de Barros

Mestre em Filosofia pela UFPE

Professor da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco – SEE/PE

helderfranciscobarros@gmail.com

O presente artigo visa contribuir com a reflexão acerca da educação e do ensino de filosofia tendo como base o estudo do filósofo Friedrich Hegel. Busca-se apresentar uma visão da perspectiva hegeliana de educação, da formação do homem para a vida e do ensino de filosofia mediante o contexto histórico do filósofo, elencando os desafios atuais de ensinar filosofia. Assim, procura-se analisar as contribuições de Hegel para a compreensão de educação contemporânea, bem como, suas contribuições para a pesquisa do ensino de filosofia e o engajamento do educador/educando no movimento filosófico de ensinar/aprender, em seus paradigmas e rupturas e no compromisso do ensino de filosofia com o tempo presente e o mundo futuro.

Palavras-Chave: Educação. Ensino. Filosofia.

This article aims to contribute to the reflection on the education and teaching of philosophy based on the study of the philosopher Friedrich Hegel. It seeks to present a vision of the Hegelian perspective of education, the formation of man for life and the teaching of philosophy through the historical context of the philosopher, listing the current challenges of teaching philosophy. Thus, it seeks to analyze Hegel's contributions to the understanding of contemporary education, as well as his contributions to the research of philosophy teaching and the educator/student's engagement in the philosophical movement of teaching/learning, in its paradigms and ruptures and in the commitment of philosophy teaching to the present time and the future world.

Keywords: Education. Teaching. Philosophy.

1. Introdução

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), foi um filósofo muito à frente do seu tempo. Tido como um pensador historiocêntrico, debruçou seus esforços sobre o passado da história, da história da filosofia e da história das artes.

Hegel era um grande conhecedor de sua época, vivendo intensamente seu tempo, concebendo sua filosofia segundo a qual a natureza, a história e o tempo são momentos em que se dá a realização do homem através da consciência de si, sendo esses momentos tidos como contínuos, chamados por Hegel de dialética.

Segundo Hegel, a função na qual deve o filósofo se preocupar é a de traduzir seu tempo em conceitos. Criou seu próprio sistema, no qual apresentava um roteiro que explanava os conceitos fundamentais da ciência. Após abandonar a vida de pastor dedicou-se ao ensino. Foi preceptor privado até chegar a função de diretor e professor de ciências filosóficas no Ginásio de Nuremberg.

Uma de suas preocupações era o lugar da filosofia no ginásio. Mesmo não tendo escrito diretamente nenhuma obra que tratasse da questão educacional ou do ensino da filosofia, seus escritos no período procuraram tratar das preocupações relativas a essas duas questões, especialmente no que diz respeito a formação do homem. Nesses escritos Hegel defendia que o ensino da filosofia precisa se dar de forma enciclopédica, na qual se daria como uma educação universal e uma suprassunção da *paideia* grega e da *humanitas* medieval.

Curiosamente, a partir de seu conceito de reconhecimento mútuo, podemos depreender já em Hegel que aprender é aprender com alguém, por intermédio de alguém, por um processo mediado no qual a figura do mestre é a de figura central de mediador, sendo necessário, assim, a passagem do indivíduo pelo processo formativo. Contudo, esse processo formativo se daria por etapas no qual o indivíduo passaria por fases determinadas, entendidas por Hegel já como uma introdução ao pensamento filosófico, uma propedêutica, para então adentrar no estudo da filosofia.

2. Educando para a razão consciente em si mesma

A educação carrega em si um conjunto de valores que tem como finalidade a formação humana. Visto que todo ser humano é um ser axiológico, podemos deduzir que é por meio da educação que o ser humano rompe os limites naturais e passa a ser o próprio mediador de sua vida.

Entre os gregos antigos, a educação era vista como elemento imprescindível na formação humana. Na verdade, os primeiros povos a creditar na educação uma formação para a excelência

humana foram os gregos. Para eles a educação que ao homem era dada definiria seu caráter, sendo assim concebida sempre como uma busca da virtude – eis aí a proposta de uma educação ideal. Para Platão (428 a.C. – 347 a.C.):

O ser humano, nós o afirmamos, é uma criatura doméstica, civilizada e, no entanto, se por um lado, graças a uma correta educação combinada a uma felicidade natural se erte ordinariamente na mais divina e na mais dócil de todas as criaturas, à falta da educação suficiente e bem orientada, é a **mais selvagem** de todas sobre a Terra. (PLATÃO, 1999, 766a, p. 248, *grifo nosso*)

No contexto grego e com o advento da hegemonia da cidade-estado de Atenas, a educação assume um papel coletivo, deixando de ser uma prática individual e passando a ser socializada de forma coletiva. É por meio dessa “mudança de um ensino individual para um ensino grupal que vai exigir uma institucionalização da educação” (TEIXEIRA, 1999, p. 17).

Platão, com a criação de sua academia, é consequentemente o primeiro a institucionalizar a formação humana, pois tinha uma grande preocupação na formação do cidadão grego, voltando sua assim sua atenção para o autoconhecimento e a formação intelectual. Ao longo de todo processo histórico a educação se encontrou com o desafio da humanização. Educar é antes de tudo um encontro do homem consigo mesmo, com sua natureza aberta e num eterno processo de vir-a-ser. Nesse sentido, afirma Evilázio Teixeira:

O homem traz consigo o imperativo de crescer sempre mais no seu ser. Sua vida se manifesta como aberta. Através da relação e na relação existe a possibilidade de tornar-se sempre mais e melhor. A vida do homem, antes de mais nada se apresenta como um encontro. Essa possibilidade aberta ao homem nós a chamamos de educação. (TEIXEIRA, 1999, p. 24)

A Idade Média também apresenta uma finalidade na busca da educação. Entre a dicotomia Fé e Razão está a intencionalidade formativa da educação medieval na formação de consciências. A igreja católica foi a principal detentora dessa educação e tanto na Alta Idade Média (séc. V – X), quanto na Baixa Idade Média (séc. X – XV), por meio da Patrística e da Escolástica, a igreja se manteve à frente da defesa e moldes da formação humana.

Não é de se estranhar se percebermos na educação contemporânea elementos da tradição medieval. Isso porque a educação medieval tinha como base um florescimento não só para sua época, mas também para a posteridade. Segundo Schneider e Neotti (2007, p. 3), na idade medieval “desenvolveu-se então um novo conceito de educação, onde, acreditavam os pensadores desta época, as palavras possuíam em si a possibilidade de resgatar a experiência humana esquecida.” Mesmo diante da razão, a revelação sempre possuía a palavra final como verdade última do conhecimento.

A partir do século XV a educação ganha novos caminhos. A modernidade, com críticas ao sistema medieval inicia uma nova forma de pensar e com ela um olhar mais racional para a

educação. René Descartes, filósofo francês, introduz no pensamento moderno a racionalidade e com ela a dualidade entre o sujeito e o objeto, a *Res Cogitans* e a *Res Extensa*. Diz Aloson Bezerra de Carvalho:

Emergem da obra cartesiana algumas ideias e concepções que vão caracterizar todo um período filosófico, sistematizando uma nova maneira de pensar. Se as humanidades não mais lhe compraziam, Descartes foi seduzido pelas matemáticas, devido às certezas e à evidência de suas razões. (CARVALHO, 2002, p. 6)

A busca principal de Descartes foi justamente a de apresentar uma verdade capaz de dar ao homem uma base sólida para sua própria existência. Com a construção racional da máxima “Penso, logo existo”, Descartes torna-se o modelo central e incontestável da valorização da razão na modernidade.

No entanto, um dos paradoxos deixados pelos modernos foi a dicotomia entre sujeito racional e autônomo e a necessidade que o próprio sujeito tinha de estabelecer limites a sua liberdade, e assim, conferir a coletividade uma forma de governar. Só com Immanuel Kant e sua distinção entre uso público e uso privado da razão é que teremos uma primeira superação dessa querela deixada pelos modernos. Segundo Kant, o uso público é aquele livre das amarras sociais, que mediante o povo, possa fazer uso livre da razão. O uso privado da razão é aquele em que se faz o uso em detrimento da própria função a que se destina cumprir. Entre ambos, o uso público é o que confere ao sujeito a livre autonomia de suas escolhas e de sua própria razão de ser.

Eis aqui por toda parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento [*AUFKLÄRUNG*]? Qual não o impede, e até mesmo favorece? Respondo: o uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [*AUFKLÄRUNG*] entre os homens. (KANT, 2018, p. 2).

Portanto, Kant justifica uma educação para a autonomia, visando estabelecer um convite ao educando, para que, mediante o uso racional da liberdade, saia da condição de menoridade, torne-se um ser humano autêntico e autônomo, capaz de distinguir de forma originaria e pessoal o que é bom, justo e moral, e assim, agir enquanto dotado de razão e vontade, vindo a ser senhor de si e de suas próprias ações, de modo a estabelecer um estado de liberdade e autonomia.

Contudo, é com W. F. G. Hegel (1770-1831), que a compreensão de razão no decorrer do seu desenvolvimento alcança a universalidade que Kant tanto buscou. Por um caminho contrário ao de Kant, Hegel sustenta que sem educação não há razão, autonomia ou liberdade, e que nenhuma sociedade se sustentaria sem a formação do Espírito, uma vez que este configura a vida vivida pela humanidade, logo, universal. Pedro Geraldo Novelli afirma que,

Para Hegel não há sociedade que se sustente sem a educação, pois ela é expressão da razão que busca estabelecer a liberdade e implantá-la enquanto prática corrente. Disso, deriva a concepção hegeliana de homem que se caracteriza pela construção de si com seus semelhantes através da história. Esse homem é responsável pelo seu destino e por

sua felicidade que não se identifica de forma absoluta com qualquer estrutura material. (NOVELLI, 2001, p. 65).

Segundo Hegel o homem autoforma-se enquanto subjetividade. Por meio da história e do progresso do espírito, que é a própria ideia de mundo, a consciência adquire maturação sobre a capacidade de saber sobre si mesmo e nesse processo histórico-dialético alcança uma razão mais elevada. Essa subjetividade por sua vez é caracterizada como uma pluralidade de espíritos que se provocam e se contrapõem enquanto consciências livres e autônomas, e nesse movimento educa e auto educa-se para uma consciência de si universal, qual Hegel chamou de razão. De acordo com Silva,

A pluralidade de ‘Eus’, que se contrapõe enquanto consciências autônomas e que, portanto, resistem mutuamente umas às outras, coincidem na autonomia, constituindo uma consciência de sua autonomia, é ‘consciência-de-si’, e por ser universal, é uma ‘consciência-de-si’ universal. E como já foi apontado, a ‘consciência-de-si’ universal é a razão. (SILVA, 2013, p. 36).

Sem dúvida a grande contribuição de Hegel para a educação foi a sua compreensão dialética entre homem, sociedade e história. Com a superação da concepção grega de educação (*paidéia*), Hegel coloca no mundo o lugar de destaque da formação humana, por meio do Espírito e tira da natureza os resultados impostos de uma educação dada por vias naturais.

Para atingir uma educação para a razão consciente em si mesma, ou seja, uma unidade do espírito subjetivo com o espírito objetivo, é necessário um processo de maturação, de passagem da consciência para autoconsciência e, assim, seu educar-se a si mesmo. Tudo isso para Hegel só é possível pelo decorrer da experiência humana, da história em si, pois é por meio dela que a razão consciente em si mesma avança na capacidade de ver o mundo a sua volta, de saber-se a si mesmo e de formar-se, sendo educador e educando.

Conclui Silva que:

Tendo atingido o momento da razão, o espírito subjetivo educou-se para a universalidade e, no decorrer de seu desenvolvimento, superando-dialecitamente cada momento precedente – alma, consciência e ‘consciência-de-si’ -, o espírito subjetivo avançou no seu educar-se. Essa formação subjetiva decorrente do processo de seu desenvolvimento confere-lhe o progresso do saber sobre si mesmo e, consequentemente, o avanço na apreensão do conceito da liberdade. Sendo subjetiva, essa formação, então, é uma autoeducação. Aqui, o termo ‘educação’ deve ser acionado, pois é o que melhor define o caráter subjetivo da formação que está ocorrendo. (SILVA, 2013, p. 36).

Nesse processo de educar para a razão consciente em si mesma, e mais precisamente através do olhar hegeliano sobre a formação humana, é necessário destacar a fundamentação da educação através de uma postura cultural ética. Tanto pelo processo histórico de superação de si, como da prática resultante desse processo de autoformação de si consigo mesmo e de si para o outro.

Em termos gerais só faz sentido uma educação para a razão consciente em si mesma, se no seu processo teórico tiver como finalidade uma vivência prática, alicerçada em uma ética cultural do bem, do justo e da moral.

3. O ensino de filosofia: uma perspectiva hegeliana

Ensinar é antes de tudo uma necessidade humana. Desde os primórdios da humanidade que a atividade de ensinar é do homem uma indagação constante pelo seu sentido final. Ainda que, se pudesse de imediato conceituar o “que é ensinar?”, ainda assim, não teríamos uma definição unívoca de tal conclusão. Isso porque, tal ação é antes de tudo um modo de vida, uma prática constante e em movimento que se manifesta através do ato formador do humano.

Uma das primeiras motivações do ato de filosofar foi o espanto do homem em face da abrangência do mundo e do próprio saber humano. A própria enunciação “filo-sofia” (amigo do saber), traz em si a dimensão humana em face do aprender/ensinar, haja vista que todo processo educativo, é também, auto formativo.

Para Hegel “o processo de formação do indivíduo assemelha-se ao próprio processo de formação do espírito, isto é, da vida.” (NOVELLI, 2001, p. 73). Assim, definir em um primeiro momento o “que é ensinar?”, é antes de tudo, estabelecer uma compreensão de formação humana por meio de uma prática.

A questão não seria mais simples quando se perguntado o “que é ensinar filosofia?”. Para Alejandro Cerletti:

As dificuldades em construir um ponto de partida para abordar os aspectos básicos do ensino de filosofia, longe de se apresentarem como um obstáculo intransponível, são, pelo contrário, o motor e o estímulo que nos permite avançar sobre o nosso problema. (CERLETTI, 2009, p. 12).

Assim, como por necessidade o homem ensina e aprende, por necessidade o homem também filosofa. Para Lorieri (2015, p. 1), “o ser humano é um ser que filosofa por ter necessidade”. Isso porque seu ponto de vista se justifica como uma apresentação da filosofia como elemento constituinte da formação humana. Tal formação acontece pelo exercício constante do filosofar. Neste sentido a filosofia se faz como um verdadeiro ato de liberdade e libertador.

Vista como algo acessível a todos e defendida por Hegel a partir do seu ato de filosofar e/ou aprender filosofia, pois para Hegel não há diferença, o ensino de filosofia ganha em sua dimensão central bases sólidas e históricas como abordagem central de si mesmo.

Assim como em Hegel, para Alejandro Cerletti filosofia e filosofar se encontram unidos, em um mesmo movimento, e nesse processo alunos professores dividem o protagonismo em

comum do pensamento filosófico. Dessa forma, o ensino de filosofia passa a fazer parte não somente da teoria, mas torna-se prática concreta entre educador e educando. Diz Cerletti:

Filosofia e filosofar se encontram unidos, então, no mesmo movimento, tanto o da prática filosófica como o do ensino de filosofia. Portanto, ensinar filosofia e ensinar a filosofar conformam uma mesma tarefa de desdobramento filosófico, em que professores e alunos compõem um espaço comum de pensamento. É em virtude disso que avaliamos que todo ensino de filosofia deveria ser, em sentido estrito, um ensino filosófico. (CERLETTI, 2009, p. 19)

Mesmo não tendo escrito nenhuma obra que trate diretamente sobre o ensino de filosofia ou da questão educacional, os escritos hegelianos procuram tratar sobre essas questões, de maneira mais profunda sobre a formação do homem.

Para Hegel o ensino de filosofia deveria se dar como uma educação universal. Para isso, deve ser tido como uma organização enciclopédica onde o aprender é aprender com alguém, sendo necessário assim a passagem do indivíduo por etapas formativas. Em seus escritos sobre o ensino de filosofia Hegel diz:

Nada mais pode conter do que o conteúdo universal da filosofia, a saber, os conceitos fundamentais e os princípios das suas ciências particulares, de que enumero as três principais: 1. A Lógica, 2. A Filosofia da Natureza, 3. A Filosofia do Espírito. Todas as outras ciências, que se devem considerar como não filosóficas, entram de facto nestas, segundo os seus princípios, e só segundo estes princípios se devem considerar na Encyclopédie, porque esta é filosófica. (HEGEL, 1989, p. 7)

Nos escritos Hegelianos, principalmente nos escritos voltados aos seus alunos, Hegel postula uma Propedêutica Filosófica como meio de introdução ao pensamento filosófico. Para Hegel o ensino de filosofia deveria agir como introdutório das demais ciências, e por sua vez, deveria ser iniciado com o que se tem de mais próximo do aluno.

Assim, em Hegel, o ensino de filosofia estaria para uma atividade própria de ideias, com clara preocupação da formação do homem e com uma proposta pedagógica de superação da dicotomia teoria e prática, possibilitando uma facilidade no trabalho docente em auxiliar o aluno a vislumbrar a filosofia em sua vida, adquirindo prazer e gosto por ela e se capacitando no próprio exercício do filosofar.

É importante destacar que a concepção de educação em Hegel é própria do seu tempo, contexto e origem, havendo limitações em suas posturas assumidas, bem como contribuições valiosas para os desafios de se pensar o ensino de filosofia na atualidade.

Considerações Finais

O ensino de filosofia traz consigo grandes desafios e precisa ser investigado com atenção e cautela. É preciso compreender de forma clara e firme a necessidade dos objetivos educacionais que se pode atribuir à filosofia e estabelecer possíveis fins filosóficos, e as formas de alcançá-los, para que seja possível uma efetiva contribuição à formação educacional. A própria filosofia exige um método de ensino, e assim, é preciso estabelecer uma proposta de ensino onde o professor possa desenvolver com seu aluno um método que o ensine a pensar.

No ato de ensinar filosofia, faz-se necessário compreender que o contato e a experiência com a filosofia têm como finalidade dar ao aluno a possibilidade de julgar a realidade por meio da reflexão filosófica, só assim é possível uma educação autoconsciente, emancipatória, justa, livres dos arcabouços impostos por uma vida de mundo limitada.

O ensino de filosofia é sempre um processo aberto em movimento constante e para que se torne método educativo é necessário a análise crítica, auxiliada pelos talentos da razão, que são colocados como princípios investigativos. Para isso, a educação torna-se condição necessária para que o homem alcance autonomia, e assim, tenha coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, conquistando a verdadeiro superação dos seus limites.

A busca pela educação de si, traz consigo a tarefa de conhecer o mundo e o próprio eu, espírito para Hegel, para assim, conhecer a própria totalidade. Isso quer dizer que a educação é um processo de dentro para fora, do eu para o mundo. Conhecer os mais diversos conhecimentos da humana começa, antes de tudo, pelo próprio conhecimento. Daí a experiência para conhecer o mundo em sua totalidade já está posta, pois é o próprio conhecimento do eu.

Nesse processo, o ensino de filosofia tem contribuição profunda, pois o conhecimento acerca do mundo é dado pela investigação do próprio caminho feito pelo educando. Essa investigação corresponde ao processo de maturação do eu quanto a sua capacidade de saber sobre si mesmo e saber sobre o mundo.

Portanto, é preciso pensar um ensino de filosofia visando estabelecer um convite ao educando, para que, mediante o uso da razão consciente em si mesma, torne-se um ser humano autêntico, capaz de distinguir de forma originaria e pessoal o que é bom, justo e moral, e assim, agir enquanto dotado de razão e vontade, vindo a ser senhor de si e de suas próprias ações, de modo a estabelecer um estado de liberdade e consciência de si.

Referências Bibliográficas

- ASPIS, Renata Pereira Lima. **O Professor de Filosofia:** O Ensino de Filosofia no Ensino Médio Como Experiência Filosófica. In Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004. Disponível em:<<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 04 de set. de 2018.
- CARVALHO, Alonso Bezerra de. **A filosofia da educação moderna: Bacon e Descartes.** UNIVESP, São Paulo. 2002. Disponível em:<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/127/3/01d07t02.pdf>> Acesso em: 20 de jul. de 2020.
- CERLETTI, ALEJANDRO A. **O Ensino de Filosofia como problema Filosófico.** Tradução Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- HEGEL, G. W. F. **Sobre o Ensino de Filosofia.** Tradutor: Artur Morão. LusoSofia. 1989.
- HEGEL, G. W. F. **Escritos Pedagógicos.** Tradução Arsenio Ginzo. México-Madrid-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- HEGEL, G. W. F. **Encyclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio Vol. III.** Tradução de Paulo Meneses e colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.
- KANT, Immanuel. **Resposta à Pergunta: o que é o esclarecimento?** Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Disponível em:<<https://bioetica.catedraunesco.unb.br>> Acesso em 04 set. 2018.
- LORIERI, Marcos Antônio. A Filosofia como elemento formador do humano. In: CARVALHO, M.; ALMEIDA JR., J. B.; GONTIJO, P. (Org.) **Filosofia e ensinar filosofia.** São Paulo: ANPOF, p. 23-40, 2015.
- MOURA, Rosana Silva de. **Breve Estudo de uma Perspectiva de Educação Medieval.** Revista Esboços, Florianópolis, v. 20, n. 30, p. 141-159, dez. 2013. Disponível em:<<https://webtecografia.paginas.ufsc.br/files/2014/11/MOURA-R.-Breve-Estudo-de-uma-Perspectiva-de-educa%C3%A7%C3%A3o-medieval.pdf>> Acesso em: 20 de jul. de 2020.
- NOVELLI, P. G. O conceito de educação em Hegel. In: **Interface. Comunic., Saúde, Educ.**, v. 5, n. 9, p. 65-88, 2001.
- PLATÃO. **As Leis.** Tradução Edson Bini. Bauru: Edipro, 1999.
- SCHNEIDER, Cátia Regina de Oliveira. **A educação na idade média.** São Paulo: UNIASSELVI, 2007.
- SILVA, André Gustavo Ferreira da. **Hegel e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- TEIXEIRA, Evíazio F. Borges. **A Educação do Homem Segundo Platão.** São Paulo: Paulus, 1999.

Data da submissão: 30 Ago 2024.

Data do aceite: 27 Out 2024.

Publicado em 08 Mai 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).